

Unidade e diversidade semântica dos verbos derivados em português

Rui Abel Pereira

Centro de Linguística Geral e Aplicada (CELGA)

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Resumo:

Em português, podem-se formar verbos a partir de bases nominais ou adjetivais através de diversos processos derivacionais: a conversão, a prefixação, a sufixação e a parassíntese/circunfixação. Em termos semânticos, os verbos derivados resultam de um processo de co-composição que envolve as propriedades dos afixos e das bases lexicais. Os afixos verbalizadores possuem um significado nuclear, mas suficientemente abstracto e indeterminado, que, em função do significado típico das bases, permite a construção de verbos com valores semânticos diversificados.

Palavras-chave: verbo, léxico, morfologia e semântica

Abstract:

In the Portuguese language, it is possible to form denominal and deadjectival verbs with several derivational processes: conversion, prefixation, suffixation and parasynthesis/circumfixation. Semantically, the derived verbs result from a co-composition process which involves the properties of affixes and lexical bases. The verbalizing affixes have a nuclear meaning, but sufficiently abstract and undetermined, which, according to the typical meaning of the bases, allows the construction of verbs with diverse semantic values.

Keywords: verbs, lexicon, morphology and semantics

Introdução

Na formação de verbos heterocategoriais em português, entenda-se verbos formados a partir de bases não verbais, preferencialmente nomes e adjetivos, existem frequentemente relações de muitos-para-um e de um-para-muitos entre forma e sentido, uma situação a que tem sido dado o nome de **assimetria morfológica** (Beard 1988, 1995, 1998; Naumann 2000; Zwanenburg 2000). Por exemplo, pode acontecer que

- (i) exista uma mudança semântica sem um correspondente acrescimento afixal (*árbitro* > *arbitrar*; *alegre* > *alegrar*), fenómeno que designaremos como «conversão»;
- (ii) o mesmo significado seja expresso mais do que uma vez numa determinada palavra (e.g. *en-dur-ecer*), no caso dos verbos formados por parassíntese/circunfixação;
- (iii) vários afixos desempenhem a mesma função ou criem o mesmo tipo de palavras derivadas (e.g. *a-clar-ar*, *es-clar-ecer*, *clar-ificar*, *clar-ear*); e que
- (iv) um afixo seja capaz de produzir palavras com significados diferentes (*normal-izar*, *hospital-izar*, *fiscal-izar*, *horror-izar*, etc.).

O objectivo deste artigo é descrever as semelhanças e diferenças semânticas existentes entre os diversos processos de formação de verbos denominais e deadjectivais, com especial incidência nos processos afixais, i.e., aqueles que envolvem a adjunção de algum segmento afixal explícito (sufixação, prefixação ou parassíntese/circunfixação). Para além do interesse que estas formações lexicogenéticas levantam do ponto de vista morfológico relativamente às propriedades estruturais e solidariedades combinatórias dos seus elementos formativos, merecem atenção alguns aspectos semânticos:

- (i) as transformações semânticas processadas por efeito da verbalização;
- (ii) a contribuição semântica dos operadores morfolexicais (bases lexicais e afixos) para a semântica dos produtos verbais por eles derivados;
- (iii) a intervenção de processos de inferência pragmática na codificação e/ou de(s)codificação do significado efectivo dos produtos verbais.

O tipo de unidades lexicais sob investigação (verbos denominais e deadjectivais) leva-nos a adoptar um sistema de descrição e representação lexical que torne saliente o valor semântico dos constituintes morfolexicais, especialmente das bases lexicais. No seguimento de Zubizarreta (1987), Rappaport, Levin e Laughren (1988), Levin e Rappaport Hovav (1998), Lieber (1998) e Booij (2002), adoptaremos um modelo de representação lexical dos verbos que contém, para além da informação fonológica e categorial, os seguintes dois níveis relacionados: a *Estrutura Léxico-Conceptual* (ELC) e a *Estrutura Argumental* (EArg). Por exemplo, a informação lexical de um verbo como *endurecer* pode ser representada do seguinte modo:

- (1) *endurecer*: V
 ELC: [[**x** AGIR] CAUSA [y IR PARA DURO]]
 EArg: x, y

Na representação proposta em (1), a ELC descreve que *endurecer* denota um evento em que intervêm dois participantes, sendo um deles (x) a entidade causadora que ao agir desencadeia uma mudança de estado (-DURO > +DURO) numa outra entidade (y), a entidade afectada. O negrito representa a opcionalidade da estrutura [[x AGIR] CAUSA], uma vez que este verbo, como outros verbos similares, pode alternar o uso causativo (cf. 2a) com usos decausativos ou incoativos (cf. 2b).

- (2) a. *O calor endureceu o pão.*
 b. *O pão endureceu.*

Ao nível da EArg, indicam-se os argumentos que têm de ser realizados sintacticamente, expressos através das variáveis x e y, e o seu modo de realização sintáctica: a variável sublinhada (x) é o argumento externo, para ser realizado como sujeito, sendo o outro argumento (y) o argumento interno, realizado como complemento directo (cf. 2a). Na variante decausativa (cf. 2b), o argumento interno passa a ocupar o lugar de sujeito, deixado vago pela não realização do argumento externo.

1. Classes semânticas de verbos

É um lugar comum referir-se que os verbos heterocategorialmente derivados em português (mas também noutras línguas) são semanticamente muito heterogéneos em termos da sua semântica e do tipo de bases que seleccionam. Enquanto os verbos deadjectivais significam geralmente ‘tornar (mais) Ab’ ou ‘tornar-se/ficar (mais) Ab’ (Ab = Adjectivo de base), os verbos denominais podem ter um conjunto variado de significados associados como, por exemplo, ‘tornar Nb’ (Nb = Nome de base) ou ‘converter em Nb’ (*martirizar*), ‘meter em Nb’ (*engarrafar*), ‘afectar com Nb’ (*apunhalar*), ‘agir como Nb’ (*policar*, *serpentejar*), etc.

Na realidade, a heterogeneidade evidenciada por estas paráfrases está intimamente relacionada com a diversidade semântica das bases seleccionadas. Este facto torna-se sobretudo saliente quando observamos os verbos denominais, os quais se podem formar a partir de diversas classes semânticas de nomes, nomeadamente, nomes que designam ‘objectos’ (*folha*>*folhear*, *casaco*>*encasacar*), ‘matérias’ ou ‘substâncias’

(*cobre*>*acobrear*, *vapor*>*evaporar*), ‘instrumentos’ (*faca*>*esfaquear*, *martelo*>*martelar*), ‘acções’ ou ‘processos’/‘resultados’ (*guerra*>*guerrear*, *festa*>*festejar*), ‘lugares’ ou ‘recipientes’ (*saco*>*ensacar*, *prisão*>*aprimorar*), ‘seres animados’, humanos e não humanos (*chefe*> *chefear*, *fiscal*>*fiscalizar*, *borboleta*>*borboletear*), etc.

Nos estudos de semântica lexical, encontram-se diversas propostas de classificação dos produtos verbais, especialmente dos verbos denominais, em função do papel semântico/temático ou argumental desempenhado pela base derivacional na estrutura do produto lexicogenético (Meyer-Lübke 1895; Clark & Clark 1979; Dirven 1988; Labelle 1992; Farrel 1998; Plag 1999; Coelho 2003; Silva 2003; Corbin 2004; Rio-Torto 2004). A base nominal ou adjectival, ao ser derivacionalmente incorporada no radical do produto verbal derivado, preenche uma das constantes semântico-argumentais inscritas na Estrutura Léxico-Conceptual subjacente do processo de formação de verbos. Na linha do exposto em Pereira (2007), consideramos que, em português, os papéis semânticos desempenhados pela base lexical na estrutura dos verbos derivados podem ser os seguintes:

Papel semântico da base	Verbos derivados
Resultativo Tema/Objecto Fim/Alvo ou Origem Instrumento Modo/Maneira	<i>alisar, fraquejar, actualizar, falsificar, aveludar...</i> <i>encerar, atapetar, arborizar, gradear, esladroar...</i> <i>engarrafar, hospitalizar, crucificar, espipar...</i> <i>apunhalar, aplainar, esporear, esfaquear, varejar...</i> <i>serpentear, capitanear, coxear, gaguejar, fiscalizar...</i>

Quadro 1. Verbos heterocategoriais e papéis semânticos das bases

Em estreita relação com a semântica das bases, a quase totalidade dos verbos heterocategorialmente derivados distribui-se por seis classes semânticas, de acordo com o padrão léxico-conceptual que denotam. No Quadro 2, apresentam-se essas classes semânticas, seguidas das paráfrases mais comuns do seu significado, em que Xb representa a base lexical, e de alguns verbos exemplificativos.

CLASSE SEMÂNTICA	PARÁFRASE	EXEMPLOS
locativo	‘pôr em Xb’ ‘tirar de Xb’	<i>engarrafar, hospitalizar, hastear, crucificar</i> <i>espipar, esventrar</i>
ornativo	‘prover com Xb’ ‘tirar Xb de’	<i>encerar, atapetar, arborizar, gradear</i> <i>esladroar, espulgar</i>
resultativo	‘tornar Xb’ ‘transformar em Xb’	<i>alisar, fraquejar, actualizar, falsificar</i> <i>acardumar, aveludar, caramelizar, coisificar</i>
instrumental	‘ferir/afectar com Xb’	<i>apunhalar, aplainar, esporear, varejar</i>
performativo	‘fazer/realizar/produzir Xb’	<i>guerrear, festejar, frutificar, bolorecer, foguear</i>
modal	‘agir como/de forma Xb’ ‘exercer as funções de Xb’	<i>serpentear, fanhosear, gaguejar, vigarizar</i> <i>fiscalizar, capitanear, pastorejar</i>

Quadro 2. Classes semânticas de verbos heterocategoriais em português

Analisemos detalhadamente cada uma das classes semânticas apontadas e o tipo de eventos que designam.

- a. **Verbos locativos:** verbos que denotam um evento em que o sujeito causa a transferência do que é denotado pelo SN objecto para a/para fora da entidade que é denotada pela base, sendo esta interpretada como ‘LUGAR’/‘RECIPIENTE’ FIM/ALVO ou ORIGEM da mudança de lugar denotada. O movimento denotado pode apresentar algumas nuances semânticas, podendo ser de tipo **adlativo**

(‘aproximar(-se) de N’: *aterrar, alunar*), **ilativo** (‘meter em N’: *engarrafar, ensacar*) ou **elativo** (‘tirar de N’: *espipar, expatriar*).

- b. **Verbos ornativos**: verbos que denotam a transferência do referente da base (o OBJECTO/TEMA) para o/para fora do referente designado pelo SN objecto, nestes casos interpretado como ‘LUGAR’ FIM ou ORIGEM daquele processo. Tal como acontece nos locativos, também nestes casos a transferência denotada pode ser de tipo **adlativo** ou **ilativo** (‘dotar de N’, pôr N em/sobre’: *atapetar, encerar*) ou **elativo** (‘tirar N de’: *esladroar*).
- c. **Verbos resultativos**: verbos que denotam uma mudança ou alteração nas propriedades do SN objecto. Como ‘RESULTADO’ do processo instanciado pelo verbo, o objecto afectado passa a possuir a propriedade designada pela base, quando é de natureza adjectival, ou a(s) propriedade(s) típica(s) designada(s) por uma base nominal (*alisar, americanizar, esclarecer, coisificar, caramelizar, aveludar*, etc.).
- d. **Verbos instrumentais**: verbos que denotam a afectação do SN objecto, realizada por meio de/com o auxílio da entidade designada pela base derivacional, que é, nestes casos, interpretada como ‘INSTRUMENTO’ (*pincelar, apunhalar, esporear, varejar, esfaquear*, etc.).
- e. **Verbos performativos**¹: verbos que denotam um evento no qual o sujeito realiza uma ACÇÃO/EVENTO ou cria um objecto (OBJECTO EFECTUADO) designado pela base derivacional (*guerrear, festejar, frutificar*, etc.). O que caracteriza esta classe de verbos é que os eventos ou objectos produzidos não têm existência antes da realização do evento denotado pelo verbo derivado.
- f. **Verbos modais**: verbos que denotam um evento no qual o sujeito age de um MODO típico: (i) desempenha as funções ou actividades que caracterizam a entidade designada pela base lexical, interpretada como ‘agente típico’ (*policar, fiscalizar, capitanear*, etc.); (ii) realiza uma acção determinada pela(s) propriedade(s) que possui (*gaguejar, coxear, fanhosear*, etc.); ou (iii) realiza uma acção semelhante à realizada habitualmente por uma outra entidade, designada pela base lexical (*serpentear, borboletear*, etc.). Esta designação, porque mais ampla, permite agrupar numa só classe os chamados verbos «essivos» e «similativos» (cf. Coelho 2003 e Rio-Torto 2004).

As classes semânticas referidas permitem agrupar conjuntos de verbos derivados com estruturas léxico-conceptuais semelhantes, apenas variando a base lexical, o tipo ontológico e a posição estrutural da constante semântico-argumental preenchida pela base, e, eventualmente, o processo morfológico utilizado.

A diversidade semântica é reduzida consideravelmente se considerarmos que as quatro primeiras classes semânticas (locativos, ornativos, resultativos e instrumentais) denotam em geral uma alteração no estado ou localização do SN objecto realizado sintacticamente e que as duas últimas (performativos e modais) remetem para o sujeito, designando um tipo particular de acção realizada pelo sujeito, que está de algum modo relacionada com as características do nome designado pela base lexical: ‘acção/resultado’ ou ‘objecto efectuado’, no caso dos performativos, ou ‘modo típico de acção’, no caso dos verbos modais. Por isso, pensamos que o significado subjacente de cada um dos verbos denominais e deadjectivais do português possui uma das representações propostas em (3), em que o negrito representa elementos que podem ou não ser realizados ao nível do discurso:

¹ O termo aqui utilizado, tal como o seguinte («verbos modais»), diz respeito apenas ao valor semântico dos verbos derivados. Estes termos não devem, por isso, ser confundidos com os termos homónimos usados nos domínios pragmático e morfossintáctico.

- (3) a. ELC: verbos *locativos/ornativos/resultativos/instrumentais*
 [[Evento X AGIR] CAUSAR [Evento Y_{Coisa/Propriedade} IR PARA/VIR DE Z_{Coisa/Propriedade}]]
- b. ELC: verbos *performativos*
 [Evento X FAZER BASE EM Y_{Coisa}]
- c. ELC: verbos *modais*
 [Evento X AGIR [MODO COMO BASE] EM Y_{Coisa}]

A investigação de um *corpus* significativo de verbos derivados permitiu pôr em evidência que a maior parte dos verbos derivados apresenta uma estrutura eventiva complexa, i.e., o seu significado integra dois subeventos, tal como é representado na ELC (3a): um subevento principal causa a mudança de um objecto descrita pelo subevento subordinado. Os verbos locativos, ornativos, instrumentais e resultativos possuem ELCs deste tipo, em que um sujeito age de tal modo que provoca ou causa uma alteração do lugar ou do estado/propriedades de um objecto. Alternativamente, o verbo derivado pode denotar apenas a mudança sofrida pelo objecto sem qualquer referência explícita à causa de tal mudança, pelo que o mesmo verbo pode expressar um processo «causativo» ou «decausativo». Considera-se, por isso, que o evento causador e a função CAUSAR logicamente implicada nesses processos são muitas vezes opcionais no nível da expressão, opcionalidade que é representada através do negrito.

Existem, no entanto, alguns grupos de verbos menos numerosos – verbos performativos e modais – com ELCs alternativas, representadas, respectivamente, em (3b) e (3c), uma vez que possuem um significado que não é formulável exactamente de acordo com os predicados e funções descritas em (3a). Achamos difícil que uma ELC como (3a) consiga representar cabalmente o significado de verbos intransitivos que não denotam nenhum tipo de transferência ou cuja predicação efectuada pela base derivacional incide sobre o sujeito e não sobre o objecto.

As ELCs propostas em (3) permitem descrever não só a maioria dos verbos formados por derivação heterocategorial (afixal ou não afixal) atestados nas bases de dados lexicográficas, como a maioria dos neologismos encontrados. Como se constata na análise dos enunciados de (4), não são diferentes as classes semânticas das formações neológicas recentemente produzidas. Estas novas formações põem em evidência que a classe dos resultativos é a que actualmente se constitui como a mais produtiva.

- (4) a. «Convém não *rotinizar* tudo». (Luísa Álvares Pereira, 21.04.04)
 b. «A retórica *literaturizou-se* nos sécs. XV e XVI». (V. M. Aguiar e Silva, 21.04.04)
 c. «As pessoas que há pouco tempo *diabolizavam* as políticas de Manuela Ferreira Leite, (...)».
 (Jornal da Tarde, RTP, 02.07.2004)
 d. «O Governo alemão vai *securitizar* as receitas futuras». (Min. Finanças, Bagão Félix, 21.12.2004)

A questão que imediatamente se coloca é se a diversidade de ELCs propostas em (3) nos deve levar a considerar a existência de mais do que um padrão ou regra de formação de palavras (RFP) para a formação de verbos heterocategoriais.

Lieber (2004: 86), na análise dos verbos *-ize* e *-ify* em inglês, considera que estes sufixos são associados a uma estrutura semântica («skeleton») unitária (cf. 5), que permite dar conta do significado da maioria dos

verbos por eles derivados, configurando os verbos performativos e modais (que designa como «similativos») casos não-nucleares ou extensões semânticas daquele padrão mais comum.

(5) *-ize, -ify* (esquema standard)

[+dynamic ([volitional -i], [j])]; [+dynamic ([i], [+dynamic, +IEPS ([j], [+Loc ([])])), <base>]
(Lieber 2004: 82)

Por uma extensão semântica, a estrutura associada a *-ize* perde o segundo subevento, o que denota a posição ou resultado da actividade. O que permanece é o esquema do primeiro subevento, que é simplesmente o esquema standard de um verbo de actividade.

(6) *-ize extension*

[+dynamic ([volitional -i], [j])]; [+dynamic ([i], [+dynamic, +IEPS ([j], [+Loc ([])]))]
.....
⌋
∅ (Lieber 2004: 87)

Aceitando-se a análise proposta por Lieber (2004), não é necessário propor três RFPs diferentes para dar conta do significado dos verbos denominais e deadjectivais formados em português.

Outra possibilidade consiste em interpretar os verbos em causa como «verbos de mudança de estado-de-coisas» que remetem para alterações ora do objecto, ora do sujeito sintáctico. Como assinala Rio-Torto (2004: 63), o conceito de «mudança de estado-de-coisas» deve ser tomado «em sentido amplo, por forma a incluir a possibilidade de um objecto passar a ter uma dada propriedade, entrar (de forma gradual ou não) num dado estado, transitar de estado ou de lugar, ou a possibilidade de que uma propriedade ou um estado possam ser activados, manifestar-se, ou ser transferidos para outrem.» Não obstante a diversidade semântica que caracteriza os produtos verbais, é possível definir uma interpretação semântica única subjacente aos vários sentidos atestados. Os verbos heterocategorialmente derivados denotam geralmente o ‘fazer uma acção/processo adequado às características de Xb’ (Xb = base lexical). Por outras palavras, o evento denotado pelo verbo heterocategorialmente derivado remete metonimicamente para o significado do nome ou do adjectivo que lhe serve de base. Como nota Aronoff (1984: 46), a propósito do significado dos verbos denominais, «the derived meaning is that of a verb which has something to do with the circumstances surrounding the use of the noun.»

2. Interacção semântica entre bases e afixos

A complexidade formal que normalmente caracteriza as formações lexicogenéticas é acompanhada de uma paralela complexidade semântica, com a qual se encontra relacionada. Todavia, como observámos no início deste artigo, o significado derivacional e a fixação que o marca nem sempre são isomórficos. Veja-se o caso da sufixação com *-ear*:

Classe semântica	Paráfrase	Verbos derivados
resultativo	Tornar/transformar em Xb	<i>branquear, falsear, clarear</i>
ornativo	Pôr Xb em algum lugar	<i>gradear, presentear</i>
locativo	Pôr algo em Xb	<i>fundear, nortear</i>
instrumental	Fazer algo com Xb	<i>chicotear, pentear</i>

performativo	Fazer Xb	<i>boicotear, chacotear</i>
modal	Fazer algo como Xb	<i>coxear, capitanear, pavonear</i>

Quadro 3. Classes semânticas de verbos sufixados com -EAR

Como se pode observar, este, como outros processos verbalizadores, permite criar verbos com significados muito diversos, o que nos suscita algumas questões: que factor(es) determina(m) a diferente significação/interpretação dos produtos verbais? Qual a contribuição dos constituintes morfolexicais (bases e afixos) para a semântica dos produtos verbais? Será que o sufixo em causa é polissémico?

2.1. A importância da semântica das bases

Temos vindo a constatar que existem aspectos do significado dos verbos denominais e deadjectivais que são determinados pelos constituintes morfológicos. Os processos de formação heterocategorial de verbos e, conseqüentemente, os afixos neles envolvidos delimitam à partida um conjunto restrito de padrões léxico-conceptuais, mas o significado efectivo dos produtos verbais depende adicionalmente da conformação da semântica das bases lexicais nessas ELCs potenciais. Nesta perspectiva, o processo de formação deste tipo de verbos pode ser caracterizado do seguinte modo: uma constante/lugar vazio específica(o) da ELC instanciada por um processo/afixo derivacional é preenchida(o) com o conteúdo semântico da base derivacional a que se liga. Seguindo uma proposta de Lieber (1998), a formação de um verbo como *hospitalizar* pode ser esquematizada da seguinte forma:

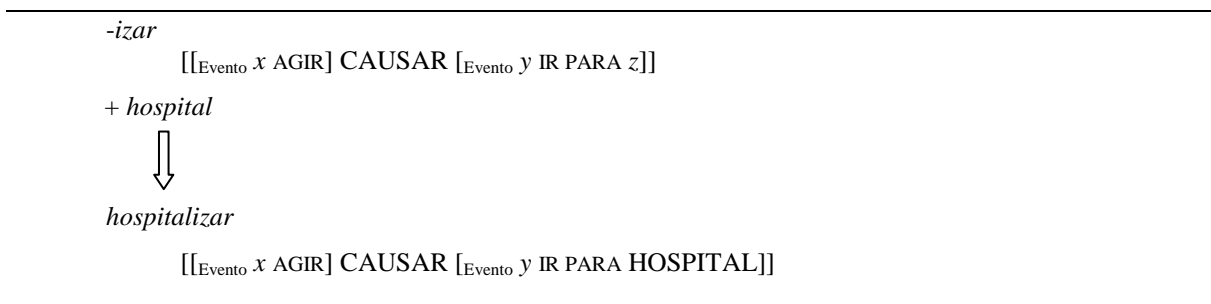


Figura 1. Processo de formação do verbo *hospitalizar*

Na reflexão efectuada, tem estado implícita a distinção entre *posições argumentais abertas* e *posições argumentais fechadas* nas ELCs. Tornemos clara esta distinção. As posições fechadas são as que são ocupadas pela base lexical (nominal ou adjectival) como resultado de um processo de formação de verbos. As posições abertas são as que não são preenchidas na ELC e que terão de ser preenchidas sintacticamente. Na Figura 1, por exemplo, o argumento *z* relativo ao lugar de destino do processo está preenchido com HOSPITAL, a base lexical, mas os argumentos *x* e *y* estão abertos, porque só serão preenchidos na construção sintáctica da frase. São precisamente estes argumentos não preenchidos lexicalmente que figurarão na Estrutura Argumental (EArg) do verbo.

Perante processos derivacionais que promovem o preenchimento de umas das constantes semântico-argumentais da ELC do produto derivado, como exemplificada na Figura 1, uma questão imediatamente se levanta: como é que os falantes sabem qual é a posição semântico-argumental a ser ocupada pela base derivacional? Será que é possível definir a classe semântica de um verbo com base na informação semântica fornecida pela base?

Quando a base lexical é de natureza adjectival, o processo de formação de verbos está bem determinado, evidenciando os produtos lexicogenéticos uma elevada uniformidade semântica: geralmente, significam ‘tornar (mais) Adj’ ou ‘ficar (mais) Adj’. O problema da determinação semântica dos produtos levanta-se principalmente ao nível da formação de verbos denominais.

Clark e Clark (1979) lançaram a ideia de que o significado dos verbos denominais formados por derivação zero (i.e., por conversão) não é definível ou previsível fora do contexto pragmático, chamando aos novos verbos «contextuals», porque, referem, «they have an indefinitely large number of potential senses, and their interpretation depends on the context, especially the cooperation of the speaker and listener» (Clark e Clark 1979: 783). Mas notaram também que «the parent noun denotes one role in the [activity denoted by the verb], and the remaining surface arguments of the denominal verb denote other roles» (p. 787).

Partindo desta ideia, Aronoff (1980), embora reconhecendo o papel fundamental do contexto na interpretação semântica dos verbos derivados, considera que um falante não forma um novo verbo a partir de um dado nome a não ser que sinta que o nome tem algo a ver com o que o verbo pretende denotar e que o ouvinte é capaz de de(s)codificar o significado do verbo a partir da informação fornecida por esse nome. Este autor reconhece, no entanto, que a determinação do significado exacto de um verbo particular é complexa, não só porque envolve o conhecimento extralinguístico, mas também porque o número de actividades associadas a um dado conceito nominal é grande e diverso, e não existe um modo simples de determinar a actividade particular denotada por um determinado verbo. Esta ideia é retomada e sintetizada por Aronoff (1984) do seguinte modo:

«Earlier analyses provided a distinct semantic derivation for each type. [...] on closer inspection, these types evaporate into the pragmatic air and the semantics of the entire diverse set can be reduced to a simple statement: the derived meaning is that of a verb which has something to do with the circumstances surrounding the use of the noun. This is exactly what the simplest system predicts should be the case, since such a system does not permit us to go beyond the category “denominal verb” either morphologically or semantically. The whole analysis is therefore very tidy and satisfying.» (Aronoff 1984: 46)

Nos últimos tempos, tem vindo a ganhar força a ideia de que o significado dos produtos verbais é fortemente determinado pela informação semântico-conceptual que caracteriza as bases e o seu uso típico. Para Kiparsky (1997: 479), «If an action is named after a thing, it involves a canonical use of the thing.» Por exemplo, segundo este autor, o que restringe a formação de verbos denominais «locatum/location» (ornativos/locativos) são os usos canónicos dos nomes, fixados da forma seguinte:

- a. LOCATUM verbs: Putting x in y is a canonical use of x.
- b. LOCATION verbs: Putting x in y is a canonical use of y. (Kiparsky 1997: 482)

Tomemos um exemplo prático: o uso típico de *garrafa* como ‘continte’ (a finalidade típica do uso de uma *garrafa* é ‘pôr algo lá dentro’) leva a que seja semanticamente aceitável e natural uma expressão como ‘engarrafar o vinho’, mas não ‘*envinhar a garrafa’, uma vez que a função da *garrafa* não é ir para dentro de vinho, nem a função do vinho é passar a conter garrafas. A informação semântico-conceptual que caracteriza esta base e o seu uso típico permitem não só indicar o(s) possível(is) significado(s) do verbo derivado, como também explicar a possibilidade ou impossibilidade de uma determinada formação verbal.

Na mesma linha, Farrell (1998) considera que a função dos processos verbalizadores é nomear um processo, normalmente de forma metonímica: toma-se uma constante saliente na vida normal por todo o processo. Por exemplo, a ideia comum “pôr coisas em sacos” e “fazer algo como uma mãe” são rotulados com um nome que é o da constante saliente SACO e MÃE (em inglês, *bag* e *mother* constituem a base de dois verbos

formados por conversão). Citando Langacker, Farrell refere que, em geral, uma expressão metonímica bem escolhida deixa-nos referir uma entidade que se salienta e que é facilmente codificada, e assim evoca, em essência automaticamente, um alvo que é de interesse menor ou mais difícil de nomear. Neste sentido, uma metonímia apropriada para um processo será o nome da coisa que, em virtude da forma como é conceptualizada, evoca facilmente ou imediatamente esse processo.

A diferente conceptualização dos nomes base está, segundo Farrell, na base da distinção, por exemplo, entre verbos ilativos ('pôr em') e verbos elativos ('tirar de'). Embora (*to bag* 'ensacar' e (*to mine* 'tirar de mina' sejam dois verbos que focalizem o 'lugar', no primeiro, a base designa o 'lugar de destino', enquanto, no segundo, designa o 'lugar de origem': (*to bag* é interpretado como 'pôr em saco' e (*to mine* como 'tirar/extrair de mina'. No entender de Farrell (1998: 50), não é seguramente acidental que nomes como *mine* designem precisamente certos tipos de lugares de onde se removem materiais e não lugares nos quais algo é colocado. O número pequeno de verbos desta classe deve-se à escassez de nomes com estes significados específicos, que deriva da preferência para conceptualizar a acção locativa como sendo prototipicamente a colocação de alguma coisa em algum lugar. Como refere, numa certa perspectiva, *pockets, bags, corrals*, etc. são simétricos na sua função locativa: tanto pomos coisas neles, como tiramos coisas deles. Por um motivo qualquer, eles são, no entanto, primariamente conceptualizados como 'fins' ou 'lugares de destino' (1998: 50, n. 14).

Concepções semelhantes podem ainda encontrar-se em Hernández Parício (1992) e Plag (1999). Plag focaliza sobretudo a importância do nosso conhecimento enciclopédico no preenchimento de um dos argumentos pela base lexical. Para Hernández Parício, qualquer base lexical (Xb) possui as características do seu modo de ser interno, que se constituem como as características "arquetípicas de Xb". A interpretação arquetípica de *barco* e *saco* como 'lugar' ou 'recipiente' determina a interpretação locativa de verbos como *embarcar* ou *ensacar*. De igual forma, a interpretação arquetípica instrumental de *martelo* ou *faca* permitem a formação de verbos instrumentais como *martelar* ou *esfaquear*.

Em suma, o verbo heterocategorialmente derivado incorpora, por via metonímica, uma parte saliente do evento denotado (Talmy 1985; Silva 2002). Em termos semânticos, a formação de verbos heterocategoriais pode consubstanciar uma das seguintes possibilidades:

- a. a propriedade central ou arquetípica da base ADJ ou da coisa designada pela base N está envolvida no tipo de evento que o verbo designa, ou
- b. um comportamento característico da coisa designada pela base N é o tipo de comportamento que o verbo designa.

Como ilustração, pode-se dizer que o comportamento altamente característico dos membros da categoria *polícia* é velar pela segurança de pessoas e bens. Em conformidade com isto, o verbo *policar* designa a actividade de 'velar pela segurança de bens e pessoas', o que implica normalmente actividades de vigilância e patrulha. Este é um caso típico de verbalização N > V, em que o significado do nome *polícia* evoca o conceito da actividade que o verbo derivado *policar* nomeia. De forma semelhante, o verbo *ensacar* foi construído e é usado de forma apropriada para denotar a ideia de 'pôr coisas em sacos', porque o nome *saco*, base lexical daquele verbo, designa um certo tipo de coisa que é usado normalmente para nele se porem objectos. Já o verbo *martelar* nomeia de forma apropriada a ideia de 'bater com um *martelo* em alguma coisa', porque o nome *martelo* designa um certo tipo de 'instrumento' usado para realizar determinados tipos de tarefas. O verbo *amanteigar*, por sua

vez, é nomeado de forma apropriada para a ideia comum de “espalhar manteiga sobre coisas”, porque o nome *manteiga* designa um certo tipo de coisa que habitualmente se põe ou espalha em/sobre coisas.

Portanto, os significados dos verbos derivados heterocategorialmente não são casualmente ou fortuitamente relacionados com os significados das bases. Pelo contrário, o significado do verbo é previsível se conhecida(s) a(s) propriedade(s) arquetípica(s) e/ou o uso típico (lugar, objecto concreto, sentimento, instrumento, etc.) que caracteriza(m) as bases lexicais (Xb).

- | | | |
|-----|--------------------------------|---|
| (7) | Se Xb = propriedade/estado | → V = (causar) adquirir esse estado |
| | Se Xb = sentimento | → V = causar ou sentir N |
| | Se Xb = instrumento típico | → V = utilizar esse instrumento |
| | Se Xb = nome contável | → V = pôr/tirar esse objecto |
| | Se Xb = lugar | → V = meter/tirar qualquer coisa em/de N |
| | Se Xb = acção ou processo | → V = produzir N |
| | Se Xb = ser animado [± humano] | → V = agir/comportar-se como N; desempenhar a função de N |

Todavia, esta é uma condição necessária, mas não suficiente. A previsão acerca da semântica do produto verbal, ainda que possível, é sempre limitada, já que existem verbos que remetem para dois ou mais significados diferenciados (cf. 8).

- | | | |
|-----|---------------------|---|
| (8) | <i>anagalhar</i> : | ‘atar com nagalho; prover de nagalho’ |
| | <i>acartuchar</i> : | ‘dar a forma de cartucho a; prover de cartucho’ |
| | <i>acobrear</i> : | ‘dar aspecto ou cor de cobre a; revestir de cobre’ |
| | <i>engradear</i> : | ‘dar a forma de grade a; cercar com grades; tratar com grade’ (terreno) |

Nestes casos, é o co(n)texto enunciativo em que um produto derivacional ocorre que orienta a interpretação dos produtos, diluindo assim a ambiguidade que decorre de situações de homonímia/polissemia. O valor semântico contextualmente adequado em cada situação é deduzido da relação semântico-conceptual que tipicamente se estabelece entre a base derivacional e os restantes constituintes sintácticos (SN objecto e/ou o SN sujeito) (cf. 9).

- (9) a. O papel de jornal, depois de devidamente *acartuchado*, vai servir para vender as castanhas assadas aos clientes.
- b. Ele *acartuchou* a espingarda, preparando-se para a caçada.

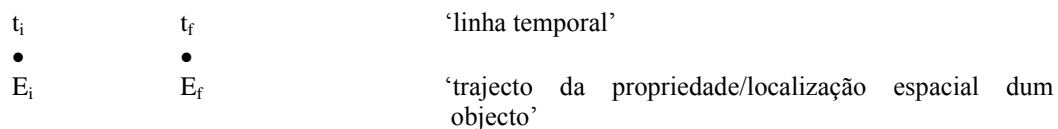
Daqui se infere que não apenas o contexto, mas também o cotexto desempenha um papel importante na interpretação de um verbo derivado.

As propriedades semânticas das bases são ainda determinantes para a configuração da estrutura semântico-eventiva dos produtos verbais. A sua relevância neste domínio torna-se particularmente evidente no caso dos verbos que denotam Transições, i.e., mudança de estado ou de lugar. Constituindo eventos delimitados e direccionados para um fim/alvo lógico, as Transições podem ser de dois tipos:

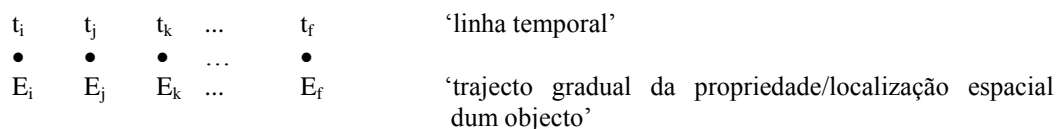
- (i) *Transições simples*: eventos delimitados pontuais que culminam num ponto e implicam um Estado na fase posterior ao dito ponto (*emudecer, engravidar, enviar*);
- (ii) *Transições graduais*: eventos que implicam um progresso gradual em direcção a um ponto em que se atinge um determinado Estado (*engordar, emagrecer, amenizar*).

Estas duas subclasses de Transições possuem estruturas temporo-aspectuais diferentes que se podem representar esquematicamente como (10) e (11).

(10) *Transições simples*



(11) *Transições graduais*



Enquanto as Transições simples ocorrem num ponto temporal único, as Transições graduais têm uma estrutura temporal durativa, que inclui pontos intermédios (t_j , t_k , ...) entre o t -inicial e o t -final.

Porque possuem estruturas temporais diferentes, estas duas subclasses de Transições comportam-se de forma distinta em relação em relação à perífrase de gerúndio (cf. 12) e ao operador aspectual *ainda* (cf. 13).

- (12) a. *Ele vai emudecendo lentamente.
b. A Maria vai engordando lentamente.

- (13) a. *Ele ainda está a emudecer.
b. A Maria ainda está a engordar.

Se considerarmos os motivos pelos quais os dois tipos de Transições diferem entre si, daremos conta que a causa radica sobretudo na natureza semântica dos estados que compõem a transição. Consideremos as frases de (14):

- (14) a. Ele emudeceu num instante.
b. O Pedro emagreceu pouco a pouco.

Uma das pressuposições lógicas da frase (14a) é que ele não estava mudo antes da ocorrência do evento. No entanto, em (14b) não podemos pressupor que o Pedro não estava magro. O Pedro poderia estar magro antes de *emagrecer*, mas ele não podia estar mudo antes de *emudecer*.

A situação de ‘estar mudo’, estado resultante implicado na semântica do verbo *emudecer*, não é graduável, pelo que deve definir-se em termos taxativos. Uma entidade pode ‘estar muda’ ou ‘estar não muda’, mas não pode encontrar-se num estado intermédio. Por este motivo, a passagem de um estado a outro deve ser simples em cada evento de *emudecer*. Na frase (14a), ele passa de não mudo a mudo num único momento. Todavia, não é esta a situação do verbo *emagrecer*. A situação de ‘estar magro’ não se define de uma maneira taxativa: entre ‘não estar magro’ e ‘estar magro’ há estados intermédios. Por isso, a passagem do primeiro ao segundo estado não se realiza num único momento. Neste caso, a mudança de estado verifica-se incrementalmente, de tal forma que, em cada momento, o paciente deve estar mais magro que no momento precedente. Por este motivo, verbos como *emagrecer*, *engordar*, *alargar*, *encurtar* ou *enriquecer* são também conhecidos como «verbos incrementativos», «verbos de acabamento gradual» ou «realizações graduais» (Fernández Lagunilla & Miguel 1999, 2000; Fábregas 2002).

Os adjectivos graduáveis são os únicos que podem servir de base à formação de verbos que denotam transições graduais, porque seja qual for o *t* considerado para a interpretação, a propriedade definida pelo verbo de mudança de estado poderá ser possuída num grau maior em *t + 1*.

(15) O João engordou / emagreceu durante dois meses.

Uma das propriedades significativas destes adjectivos é que estão associados a um dos pólos de uma escala semântica, mas não se opõem taxativamente aos adjectivos associados com o outro extremo da escala. Note-se que, ao contrário do que sucede com as classes de adjectivos não graduáveis, a negação de um adjectivo graduável não pressupõe a afirmação do seu antónimo. Por exemplo, a negação de *gordo* não é necessariamente *magro*, mas *não gordo*. Para além disso, adjectivos como *largo*, *gordo* ou *alto* não têm nas suas escalas um ponto máximo depois do qual não seja concebível um valor superior. Os objectos podem ser cada vez mais largos, gordos ou altos sem mais limite que o que cada falante em cada situação pretenda estabelecer pragmaticamente.

2.2. Valor semântico dos afixos

Outro facto que se salienta quando analisamos os verbos denominais e deadjectivais é que existem determinados significados que aparecem associados a unidades formadas através de processos/afixos diferentes. Esta situação é frequente no domínio derivacional e não apenas na formação de verbos (cf. 15-17).

- (15) a. forma-ção: ‘acção/resultado da acção de formar’
 b. aqueci-mento: ‘acção/resultado da acção de aquecer’
 c. lava-gem: ‘acção/resultado da acção de lavar’
- (16) a. fuma-dor: ‘aquele que fuma’
 b. ouvi-nte ‘aquele que ouve’
- (17) a. in-feliz ‘não feliz’
 b. des-contente ‘não contente’

Analisemos agora a construção de verbos de mudança de estado. Sobre bases adjectivais (Ab) podem-se construir verbos de sentido resultativo, seja com a ajuda de prefixos (*a(d)-*, *en-* e *es-*) (18a), seja com a ajuda de sufixos (*-ificar*, *-izar*, *-e(s)cer*, etc.) (18b), seja por parassíntese (18c) ou por conversão (18d).

- (18) a. [*pref* [Ab]]_v (*alargar, encurtar, esfriar*)
 b. [[Ab] *suf*]_v (*humidificar, suavizar, escurecer*)
 c. [*af* [Ab] *af*]_v (*apodrecer, endurecer, esclarecer*)
 d. [[Ab]]_v (*azedar, sujar, limpar*)

Todos estes processos derivacionais produzem verbos com o mesmo significado previsível, parafraseável como ‘tornar (mais) Ab’, pelo que, em determinados casos, estruturas formalmente diferentes podem ser consideradas semanticamente equivalentes. Esta situação é normalmente referenciada como «sinonímia afixal», mas serão tais afixos totalmente sinónimos? Será a escolha dos processos/afixos opcional e livre?

A assunção da sinonímia completa nos afixos é problemática e discutível. Numa inspeção mais profunda, afixos verbalizadores que se pensava serem sinónimos mostraram possuir diferenças subtis de significado (cf. Lieber e Baayen 1993; Lieber 1998; Plag 1999).

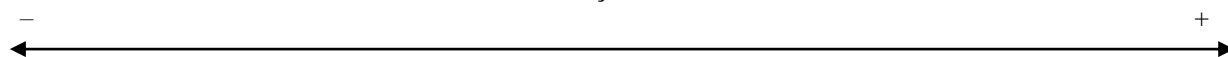
Lieber e Baayen (1993) consideram que os processos lexicogenéticos se distinguem quanto ao grau de determinação semântica que conferem aos produtos deles resultantes. Segundo uma tipologia estabelecida por estes autores, os produtos lexicogenéticos podem pertencer a uma das seguintes categorias (cf. Lieber e Baayen 1993: 69):

- (19)
- a. Semanticamente determinado
 - b. Semanticamente indeterminado
 - i. Nenhuma ELC fixada
 - ii. ELC parcialmente fixada

No entender daqueles autores, existem afixos semanticamente determinados que têm estruturas léxico-conceptuais inteiramente fixadas (cf. ing. *-able*). Em contraste, outros processos de formação de palavras são semanticamente indeterminados, não possuindo ELCs fixadas, sendo o caso mais extremo o da conversão nome (N) > verbo (V), apresentada como totalmente indeterminada. Esta ideia aparece reafirmada em Lieber (1998: 15), que considera que não existe nenhuma ELC estável que seja adicionada ao significado de um nome para formar um verbo, existindo algumas formações verbais derivadas por conversão N > V que são causativas (*to cork*) ou causativas/incoativas (*to compost*), e outras que o não são (*to boss*); algumas envolvem um componente de movimento (*to air*), mas outras não (*to clock*, *to ape*). Na linha de Clark e Clark (1979), defendem que, quando um nome é convertido em verbo, é apenas a inferência pragmática que determina qual será a ELC do verbo resultante.

Uma análise comparativa aprofundada dos valores semânticos evidenciados pelos verbos derivados em português permitiu confirmar que os afixos podem possuir graus de (in)determinação variados (cf. Pereira 2007). Nos quadros que se seguem distribuem-se os vários processos afixais ao longo de uma escala de (in)determinação semântica, em função do número de classes semânticas de verbos que ajudam a construir (cf. Quadro 4) e do número de ELCs subjacentes que possuem (cf. Quadro 5).

Grau de determinação semântica dos afixos



6	5	4	3	2	1
<i>-ear</i> <i>-ejar</i> <i>-izar</i> <i>a(d)-</i> <i>en-</i> <i>es-</i> <i>es...ear</i>	<i>a...ear</i> <i>a...ejar</i>	<i>-ificar</i>	<i>en...ear</i> <i>en...ejar</i> <i>es...ejar</i>	<i>-e(s)cer</i> <i>en...izar</i> <i>es...izar</i> <i>a...e(s)cer</i> <i>en...e(s)cer</i>	<i>-itar</i> <i>-icar</i> <i>a...izar</i> <i>a...entar</i> <i>en...entar</i> <i>es...e(s)cer</i>

Quadro 4. Número de classes semânticas de verbos produzidas por cada um dos afixos

ELC's		
(3 a+b+c)	(3 a + b)	(3 a)
-ear -ejar -izar a(d)- en- es- es...ear	-ificar a...ear a...ejar en...ejar es...ejar	-e(s)cer -itar -icar en...izar a...izar en...izar es...izar en...e(s)cer es...e(s)cer a...entar en...entar

Quadro 5. Relação entre os afixos verbalizadores e as ELCs subjacentes

Embora haja um conjunto de sobreposições semânticas entre diferentes processos verbalizadores, o significado associado aos vários processos afixais difere claramente no que diz respeito à sua diversidade e domínios de aplicação. Entre as conclusões que se podem retirar da observação destes quadros, salientamos as seguintes:

(i) Entre os sufixos verbalizadores, *-ear*, *-ejar* e *-izar* são os que apresentam domínios de aplicação mais diversificados, formando verbos de todas as classes semânticas apontadas. O sufixo *-ificar* apenas ocorre em verbos resultativos, locativos, ornativos e instrumentais, e *-e(s)cer* apenas forma verbos resultativos e performativos.

(ii) A prefixação com *a(d)-*, *en-* e *es-* tem um domínio de aplicação diversificado do ponto de vista semântico, assemelhando-se neste aspecto à sufixação com *-ear*, *-ejar* e *-izar*.

(iii) A maioria dos verbos produzidos por parassíntese /circunfixação pertence à classe dos resultativos. Existe, todavia, uma grande disparidade entre os vários esquemas parassintéticos relativamente às classes semânticas que produzem. Por ordem decrescente de abrangência semântica encontramos *es...ear*, seguido de *a...ear* e *a...ejar*, depois *en...ear*, *en...ejar* e *es...ejar*, em seguida *en...izar*, *es...izar*, *a...e(s)cer* e *en...e(s)cer*, e finalmente *a...izar*, *a...entar*, *en...entar* e *es...e(s)cer*.

Os domínios semânticos de aplicação dos diferentes processos verbalizadores, embora similares, estão longe de ser idênticos e coincidentes. Se é verdade que todos os operadores afixais sob escopo permitem formar verbos resultativos, nem todos formam verbos locativos ou ornativos, e apenas alguns formam verbos instrumentais, performativos ou modais. Por exemplo, o sufixo verbalizador *-e(s)cer* é semanticamente mais determinado que *-ificar*, e este que os sufixos verbalizadores, *-ear*, *-ejar* e *-izar*, ou a prefixação com *a(d)-*, *en-* e *es-*. Existem, portanto, diferenças semânticas mais ou menos subtis entre os vários processos afixais, sendo uns mais determinados do que outros, pelo que se pode concluir que os operadores afixais que intervêm na formação de verbos denominais ou deadjectivais em português apenas são parcialmente sinónimos.

De acordo com a tipologia proposta por Lieber e Baayen (1993), pode-se dizer que os processos derivacionais de formação heterocategorial de verbos em português se inserem na categoria dos parcialmente (in)determinados, na medida em que formam verbos de classes semânticas diversas, podendo apresentar ou não uma interpretação causativa. Todavia, não se pode dizer que os processos/afixos verbalizadores sejam totalmente indeterminados. Conforme o seu grau de determinação, eles instituem uma, duas ou três ELCs, que delimitam os padrões semântico-eventivos possíveis na formação de verbos a partir de bases nominais ou adjectivais.

Não obstante partilharem com os demais afixos propriedades semânticas que se reflectem na estrutura eventiva dos produtos verbais, os prefixos *a(d)-*, *en-* e *es-* introduzem especificações semânticas adicionais no semantismo dos produtos verbais em que ocorrem. Cada um destes operadores prefixais possui, respectivamente, uma informação semântica ou léxico-conceptual de natureza adlativa, ilativa ou elativa que contribui para distinguir eventos com orientações espaciais ou polaridades aspectuais diferentes (cf. *aterrar/enterrar*). Em virtude do seu semantismo matricial, determinam a direccionalidade ou polaridade aspectual do processo. Um prefixo é marcado por polaridade final quando remete para o estado final (E_f) da mudança de estado/lugar denotada pelo verbo derivado, e por polaridade inicial se remete para o estado de coisas inicial (E_i) por aquele denotado. Em português, os verbos prefixados com *a(d)-* e *en-* apresentam normalmente uma polaridade final (cf. *aprisionar, engarrafar*), enquanto os prefixados com *es-* se caracterizam por ser de polaridade inicial (cf. *espipar, esladroar*). Todavia, nos verbos deadjectivais, porque denotam normalmente uma mudança de estado com uma orientação final (cf. *avermelhar, encurtar, esvaziar*), a relevância dos prefixos não é tão evidente (ver Pereira 2000, 2002, 2004, 2007).

O contributo dos afixos pode ainda manifestar-se na expressão de noções semântico-aspectuais, nomeadamente na telicidade, iteratividade e/ou habitualidade, e causatividade.

Embora não codifiquem valores aspectuais de uma maneira sistemática, os afixos derivacionais usados na formação de verbos denominais e deadjectivais contribuem de forma diversa para o valor aspectual dos produtos derivacionais que ajudam a construir. Por exemplo, existem pares de verbos corradicais prefixados e não prefixados que se opõem não só quanto à causatividade e transitividade, mas também quanto à telicidade.

- (22) a. As aves *planaram* *em dois minutos.
 b. As máquinas *aplanaram* o terreno em duas horas.
- (23) a. Ele *ladroa* *em dois minutos
 b. Ele *esladroa* os tomates em dois minutos.

Como se pode observar, os verbos não prefixados são verbos atélicos (cf. 22a, 23a), enquanto os verbos prefixados com *a(d)-*, *en-* e *es-* são télicos (cf. 22b, 23b).

Tendo em conta a telicidade, distinguem-se dois grupos de verbos: os verbos prefixados com *a(d)-*, *en-* e *es-*, e os verbos sufixados com *-izar*, *-ificar* e *-e(s)cer* são preferentemente télicos, enquanto *-ear* e *-ejar* são maioritariamente atélicos. Ao nível dos verbos formados por parassíntese/circunfixação, verifica-se que, com a excepção dos verbos terminados em *-ear* e *-ejar*, que integram tanto verbos télicos como atélicos, os restantes verbos formados através deste processo derivacional são preferentemente télicos.

Refira-se, no entanto, que o valor semântico das bases pode condicionar o valor aspectual dos verbos derivados. Os verbos formados sobre bases adjectivas que denotam ‘propriedades pejorativas’ predicáveis principalmente de nomes [+humano] (*coxear, gaguejar*) têm em geral uma leitura [-télica]. Em contraste, os verbos deadjectivais construídos sobre bases que denotam propriedades não valoradas negativa ou pejorativamente designam eventos dinâmicos [+télicos] (*branquear, clarificar, emudecer, esverdear*). Ao nível dos verbos denominais, verifica-se que os verbos cuja base denota um ‘objecto [+concreto] com propriedades típicas’ têm uma leitura télica, enquanto os verbos formados a partir de bases que designam ‘realidades [+abstractas] produzidas ou experienciadas’ (*alardear, chantagear, agonizar, etc.*) ou ‘seres dotados de propriedades agentivas típicas’ (*capitanear, piratear, borboletear, profetizar, etc.*) são verbos de processo

atélicos. Para além disso, verifica-se que a maioria dos verbos atélicos pertence às classes dos verbos ‘performativos’ e dos verbos ‘modais’ (essivos ou similitivos) que têm uma realização sintáctica inergativa.

Encontram-se ainda algumas diferenças entre os processos verbalizadores em relação à iteratividade e/ou habitualidade dos eventos descritos. Os verbos em *-ear* e *-ejar* possuem regularmente, embora não sistematicamente, um significado aspectual iterativo (*torpedear, chicotear, gotejar, varejar*) ou frequentativo/habitual (*coxear, gaguejar*) que, sem serem sistemáticos, os distinguem das demais classes afixais e não afixais de verbos. Os verbos em *-ear* e *-ejar* derivados de algumas classes de bases nominais expressam frequentemente a sucessão linear de actos télicos de duração interna mínima integrada dentro de um único evento (iterativo), ou eventos frequentativos/habituais, repetidos de modo descontínuo em distintos intervalos de tempo. Mesmo quando ocorrem em parassíntese, estes constituintes afixais mantêm os seus valores semântico-aspectuais típicos (*apedrejar, escoicear, esfaquear, espernear, esbracejar*). Saliente-se, no entanto, que também estes matizes aspectuais ocorrem tendencialmente com algumas classes semânticas de bases: os verbos formados a partir de adjectivos que denotam uma ‘propriedade agentiva típica’ ou uma ‘propriedade marcada pejorativamente’ tendem a ser frequentativos, enquanto os verbos formados a bases nominais que denotam ‘instrumentos’ e ‘objectos movidos’ tendem a ser iterativos.

Conclui-se assim que existem vários afixos verbalizadores com conteúdo fonológico que participam directamente na especificação aspectual dos verbos por eles formados, o que a acreditar em investigações já realizadas parece não se passar com a conversão em *-a-*, que funciona tipicamente como um processo aspectualmente neutro ou não marcado (cf. Pena 1993; Plag 1999; Serrano-Dolader 1999; Gràcia Solé et al. 2000; Haouet 2000; Coelho 2003). Esse diferente valor aspectual está na base de algumas oposições morfológicamente marcadas. Por exemplo, as oposições télico/atélico (*aplanar* vs *planar*) e iterativo/não iterativo (*tracejar* vs *traçar*) estão relacionadas, por vezes, com diferenças ao nível da morfologia dos verbos.

Importa ainda salientar que as propriedades aspectuais que habitualmente são atribuídas aos afixos verbalizadores não determinam por si só e de modo absoluto a estrutura aspectual e eventiva do produto em que ocorrem. A informação codificada ao nível lexical pode ser alterada em função do tempo verbal, das características semânticas e morfossintácticas dos demais argumentos activados pelo verbo, e também por modificadores aspectuais presentes no co(n)texto frásico em que o verbo derivado se encontra.

Outro valor que frequentemente é associado a alguns afixos verbalizadores é a «causatividade» (cf. Arrais 1985; Câmara Jr. 1991). De facto, existe um número muito elevado de verbos deadjectivais e denominais que podem denotar eventos causativos. Observem-se os seguintes enunciados:

- (24)
- a. O fogo *carbonizou* os corpos das vítimas.
 - b. A água *apodreceu* as maçãs.
 - c. O Pedro *dignifica* a sua profissão.
 - d. O sol *branqueou* a roupa.

Pode-se afirmar que todas estas frases denotam situações causativas, integrando verbos causativos morfológicos. Em qualquer destes enunciados possíveis, existe uma entidade causadora (*o fogo, a água, o Pedro* ou *o sol*) que desencadeia uma situação em que uma outra entidade participante é afectada (*os corpos das vítimas, as maçãs, a sua profissão, a roupa*). Estabelece-se, desta forma, um nexos causal de tipo causa-efeito, como o atestam as paráfrases em (25).

- (25) a. O fogo *transformou* os corpos das vítimas em *carvão*.
 b. A água *fez* as maçãs *ficar podres*.
 c. O Pedro *torna digna* a sua profissão.
 d. O sol *fez* a roupa *ficar branca*.

Do ponto de vista estrutural, as frases de (24) e (25) divergem entre si relativamente aos constituintes que veiculam a relação causativa. Em (25), o valor causativo é induzido por alguns estruturas sintáticas (*fazer* + infinitivo; *transformar em* + N; *tornar* + Adj), enquanto, em (24), os elementos indutores da causatividade são os afixos verbalizadores (*-izar*, *a-...-ecer*, *-ificar*, *-ear*) que integram os verbos derivados. Considera-se, por isso, que, no português, se formam predicadores verbais causativos a partir de predicadores não verbais e não causativos através da adjunção de um afixo, como se representa em (26).

- (26) a. [carvão]_N → *carbonizar* ‘fazer-*ficar* (em) carvão’
 b. [podre]_{Adj} → *apodrecer* ‘fazer-*ficar* podre’
 c. [digno]_{Adj} → *dignificar* ‘fazer-*ficar* digno’
 d. [branco]_{Adj} → *branquear* ‘fazer-*ficar* branco’

No entanto, a formação de predicadores verbais causativos também pode ser conseguida através de processos não afixais, como se comprova em (27).

- (27) a. [limpo]_{Adj} → *limpar* ‘fazer-*ficar* limpo’
 b. [sujo]_{Adj} → *sujar* ‘fazer-*ficar* sujo’
 c. [armazém]_N → *armazenar* ‘fazer-*ficar* (em) armazém’

Dado o seu valor causativo, considera-se que as formações verbais analisadas em (26) e (27) apresentam um nível de representação subjacente idêntico, como se pode deduzir a partir da comparação das ELCs dos verbos *branquear* e *limpar*, representadas em (28) e (29), respectivamente.

- (28) *branquear*, V
 ELC: [[**x** AGIR] CAUSAR [y IR PARA BRANCO]]

- (29) *limpar*, V
 ELC: [[**x** AGIR] CAUSAR [y IR PARA LIMPO]]

Na representação das Estruturas Léxico-Conceptuais que temos vindo a seguir, cada um dos seus argumentos dos predicadores causativos descritos está associado a um subevento específico: a entidade causadora (*x*) ao evento de AGIR, o evento-causa, e a entidade afectada (*y*) ao segundo subevento, a mudança de estado (IR PARA = *ficar*). Explicita-se também que entre os dois subeventos se estabelece um nexos causal, que é expresso através de CAUSAR. Através do negrito, representa-se ainda a possibilidade de estes predicadores verbais expressarem eventos não causativos (decausativos ou incoativos), pela omissão do evento-causa.

Não obstante a maioria dos verbos derivados analisados ser potencialmente causativa, os processos derivacionais verbalizadores podem igualmente construir formas verbais não causativas, como se comprova pela comparação do significado dos verbos de (30) e (31):

- (30) a. A *entristeceu* B. → A causou B *ficar/estar* triste.
 b. A *assustou* B. → A causou B *ficar/estar* assustado.
 c. A *traumatizou* B. → A causou B *ficar/estar* com trauma.

- (31) a. A *saboreou* B. → *A causou B ficar/estar saboreado/com sabor.
 b. A *cabeceou* B. → *A causou B ficar/estar cabeceado/com cabeça.
 c. A *simpatiza* com B. → *A causou B ficar/estar simpatizado/com simpatia.
 d. A *coxeia*. → *A causa (B) ficar/estar coxo.

O recurso a perífrases verbais de tipo causativo permite-nos constatar que os verbos derivados de (30) admitem interpretações causativas, mas não os de (31). Nota-se que os verbos causativos são normalmente transitivos, o que não quer dizer que todos os verbos transitivos sejam causativos, como se comprova em (31a, b).

No Quadro 6, distribuem-se os produtos derivacionais em função da sua classe afixal e da capacidade ou não de expressar o significado causativo. Consideram-se [+ causativos] todos os verbos que admitem ocorrer em estruturas causativas, independentemente do facto de poderem ter também uma expressão não causativa, e representam-se como [- causativos] os verbos que não admitem uma interpretação causativa:

Classe afixal	Causatividade		
	[+ causativo]	[- causativo]	
[conversão]	<i>limpar, ancorar, armazenar...</i>	<i>esquiar, pedalar, vadiar...</i>	
Prefixos	a(d)-	<i>abrandar, alargar, acariciar...</i>	<i>acasalar, abagoar, agranar...</i>
	en-	<i>encorajar, encerrar, entortar...</i>	<i>entroncar, enfolhar...</i>
	es-	<i>esfarelar, estripar, esquentar...</i>	<i>esbodegar, esfumar-se</i>
Sufixos	-ear	<i>branquear, pentear, fundear...</i>	<i>saborear, coxear, flautear...</i>
	-ejar	<i>calejar, chamejar, dardejar...</i>	<i>alvorejar, gaguejar, gotejar...</i>
	-e(s)cer	<i>escurecer, humedecer, robustecer...</i>	<i>alvorecer, ervecer...</i>
	-ificar	<i>classificar, dignificar, petrificar...</i>	<i>pomificar, frutificar...</i>
	-izar	<i>amenizar, vaporizar, traumatizar...</i>	<i>amantizar-se, simpatizar...</i>
	-icar	<i>multiplicar, duplicar, triplicar...</i>	
	-itar	<i>facilitar, debilitar...</i>	
Parassíntese	a...ear	<i>acobrear, arroxear, alancear...</i>	<i>acanhonear...</i>
	en...ear	<i>enramear, enlamear...</i>	<i>emarear</i>
	es...ear	<i>esbofetear, escoicear, esverdear...</i>	<i>escabrear, espernear, escabecear...</i>
	a...ejar	<i>acarrear, anegrear, apedrear...</i>	<i>aboquejar</i>
	en...ejar	<i>encarvoejar</i>	<i>enchamejar, enverdejar</i>
	es...ejar	<i>esbravejar, esquartejar, espotejar...</i>	<i>esbracejar, espenejar, estrotejar...</i>
	a...e(s)cer	<i>amadurecer, apodrecer, amolecer...</i>	<i>adoecer, anoitecer, amanhecer...</i>
	en...e(s)cer	<i>embrutecer, endoidecer, enriquecer...</i>	<i>endentecer, engravidecer...</i>
	es...e(s)cer	<i>esclarecer, estontecer, espavorecer...</i>	<i>esbravecer</i>
	a...entar	<i>aformosentar, amolentar, apodrentar</i>	
	en...entar	<i>enduretar, envelhentar, enfracuentar</i>	

Quadro 6. Classes afixais de verbos e causatividade

Da análise deste quadro, pode-se inferir que a expressão da causatividade não é exclusiva de nenhuma classe afixal de verbos específica, uma vez que variados processos/afixos formam (parte de) verbos causativos. Exceptuando alguns casos específicos, nomeadamente *-icar*, *-itar*, *a...entar* e *en...entar*, a generalidade dos afixos forma igualmente verbos não causativos. Refira-se, no entanto, que o número de verbos não causativos é incomparavelmente menor que o dos verbos causativos.

O carácter não causativo de algumas formações verbais e/ou de alguns enunciados pode estar relacionado com vários factores, alguns dos quais relacionados entre si:

- (i) alguns verbos possuem uma estrutura mono-eventiva, em contraste com a estrutura bi-eventiva requerida na causação;
- (ii) os eventos denotados por alguns verbos não são concebíveis como resultado de uma causa externa, sendo globalmente orientados para/sobre o sujeito sintáctico;
- (iii) os verbos não são usados transitivamente;
- (iv) o valor causativo é restringido pela semântica das bases lexicais.

A situação mais frequente entre os verbos denominais e deadjectivais é conhecida no domínio da semântica e da sintaxe como «alternância causativo/incoativo» ou simplesmente como «alternância causativa». Dado que a expressão da causa é muitas vezes opcional, os verbos derivados podem ser usados, alternativamente, em construções causativas ou não causativas, designadas como «incoativas» ou «decausativas».

- (32) a. *A lixívia branqueia a roupa.* (construção causativa)
- b. *A roupa branqueou.* (construção não causativa)
- (33) a. *O calor endureceu o pão.* (construção causativa)
- b. *O pão endureceu.* (construção não causativa)

Na linha de Fonseca (1998-1999), consideramos que a alternância causativa deve ser analisada como um procedimento semântico-sintáctico ou morfossintáctico que tem subjacente uma diferente perspetivação dos acontecimentos, ou dito de outro modo, apresentam-se duas visões/focalizações alternativas dos mesmos acontecimentos, as quais se manifestam de modo diferente no nível sintáctico e, por vezes, também no nível morfológico. Na construção decausativa, muitas formas verbais são marcadas com um clítico *se*, obrigatório em alguns casos (*O Governo modernizou o país/O país modernizou-se*), opcional noutros (*O hélio solidifica a água/A água solidifica/solidifica-se a 0° C*), e não permitida num terceiro grupo de verbos (*Esta situação enlouquece-o/Ele enlouqueceu/*enlouqueceu-se*), o qual funciona nesses casos como uma indicação morfológica da aplicação da operação de de(s)causativização.

A construção causativa possui uma configuração activa, orientada sobre o objecto sintáctico, enquanto a construção decausativa é percorrida por uma orientação passiva – a mudança é orientada para/sobre o sujeito sintáctico. Esta dupla orientação e/ou configuração de um evento como *entristecer* pode ser esquematicamente representada do seguinte modo.

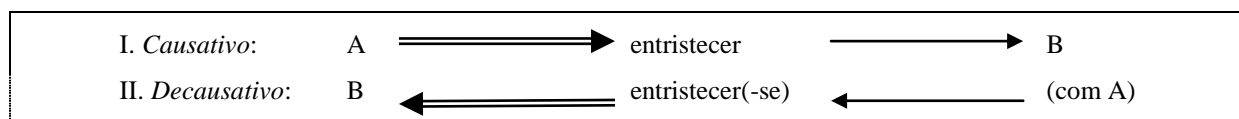


Figura 2. Configuração causativa e decausativa do evento *entristecer* (Fonseca 1998-1999)

Segundo Fonseca (1998-1999), entre a configuração causativa e a decausativa opera uma sistemática conexão de conversão, na medida em que constituem desenhos alternativos conversos de um mesmo estado de coisas.

Uma análise cuidada dos verbos denominais e deadjectivais permitiu-nos verificar que existe igualmente uma correlação muito estreita entre as classes semânticas de verbos e a sua capacidade de expressar eventos causativos. Analisemos os exemplos seguintes:

I. verbos resultativos:

O João *clarificou* a situação.

<O João *causou*> a situação ficar/estar clara.

II. **verbos locativos:**

Os militares *hastearam* a bandeira.

<Os militares *causaram*> a bandeira ficar/estar hasteada/em haste.

III. **verbos ornativos:**

Eles *arborizaram* a avenida.

<Eles *causaram*> a avenida ficar/estar arborizada/com árvores.

IV. **verbos instrumentais:**

a. O carpinteiro *lixou* a porta.

<O carpinteiro *causou*> a porta ficar lixada.

b. O ladrão *esfaqueou* a vítima.

?<O ladrão *causou*> a vítima ficar/estar esfaqueada.

c. O João *martela* os pregos com força.

*<O João *causou*> os pregos ficar/estar martelados.

V. **verbos performativos:**

a. A Ana *acaricia* a cabeça do filho.

*<A Ana *causa*> a cabeça do filho ficar/estar acariciada.

b. O arauto *apregooou* a vitória das tropas portuguesas.

?<O arauto *causou*> a vitória das tropas portuguesas ficar/estar apregoada.

c. O ladrão *planeou* o roubo.

<O ladrão *causou*> o roubo ficar/estar planeado/com/em plano.

VI. **verbos modais:**

a. Costinha *capitaneou* a selecção portuguesa.

*<Costinha *causou*> a selecção portuguesa ficar capitaneada.

b. Ele *fiscalizou* os produtos.

<Ele *causou*> os produtos ficar/estar fiscalizados.

Esquemáticamente, a relação entre classes semânticas de verbos e causatividade pode ser estabelecida do seguinte modo:

Classes semânticas	<i>resultativos</i>	<i>locativos</i>	<i>ornativos</i>	<i>instrumentais</i>	<i>performativos</i>	<i>modais</i>
Causatividade	+	+	+	±	±	±

Quadro 7. Classes semânticas de verbos e causatividade

A leitura causativa é possível em várias classes semânticas de verbos derivados. Os verbos locativos, ornativos e resultativos admitem tipicamente a interpretação causativa. No caso dos verbos instrumentais, embora em alguns casos a causatividade não seja expressável através das perífrases usadas, ela é cognitivamente plausível. Por exemplo, *A esfaquear B* e *A martelar B* implicam logicamente B ficar/estar ferido ou afectado na sua integridade física. Em contraste, no âmbito dos verbos performativos e modais, podemos encontrar verbos que admitem a interpretação causativa, outros em que a sua aceitação é duvidosa ou questionável, e outros ainda

em que essa interpretação está ausente e/ou não é admissível. Na realidade, a causatividade é pouco característica de verbos performativos e modais em virtude do tipo de semântico de bases que estas classes de verbos seleccionam. A maioria dos verbos performativos, porque incorpora lexicalmente um nome que designa a acção/resultado ou um objecto criado, é frequentemente mono-eventiva e intransitiva. Nos verbos modais, a causatividade não se manifesta quando a base denota um determinado comportamento ou modo de actuar.

Em síntese: não obstante o português europeu sancionar a formação morfológica de verbos causativos sem recorrer a um afixo verbal específico como marca de causativização, isso não inviabiliza que se atribua um significado causativo aos afixos verbalizadores. O facto de a maioria dos verbos derivados por meio desses afixos possuírem um valor causativo subjacente, que não era propriedade das bases, e de existirem oposições de tipo causativo/não causativo morfológicamente marcadas leva-nos a tirar essa conclusão. Os exemplos seguintes são ilustrativos:

- (34) *aplanar* ‘fazer ficar plano’ vs *planar* *fazer ficar plano
encaminhar ‘fazer ficar encaminhado’ vs *caminhar* *fazer ficar caminhado
esladroar ‘fazer ficar sem ladrões’ vs *ladroar* *fazer ficar ladroado

Em (34), constata-se que os verbos prefixados são causativos, mas os verbos corradicais formados por conversão não expressam esse valor.

Um contraste semelhante pode encontrar-se, em algumas situações discursivas, entre verbos parassintéticos em *pref...entar* e *pref...ecer*, como algumas paráfrases deixam transparecer: cf. *amolentar*: ‘fazer amolecer’; *apodrentar*: ‘fazer apodrecer’. Os verbos formados através de *pref...entar* são usados tipicamente para expressar eventos causativos, não sendo previsível o seu uso em construções não causativas (cf. 35). Quando se quer denotar apenas o evento incoativo correspondente, os falantes recorrem preferencialmente aos verbos corradicais terminados em *-e(s)cer*.

- (35) a. ?As maçãs apodrentaram-se. vs As maçãs apodreceram.
b. ?O barro endurentou. vs O barro endureceu.

Isto não impede, no entanto, que os verbos formados com *pref...e(s)cer* em algumas situações expressem também eventos causativos (*O leite amoleceu as bolachas*; *A bebida enfraqueceu-lhe a determinação*).

O facto de nem todos os verbos derivados serem causativos não se deve à inexistência desse valor semântico nos operadores/processos derivacionais, mas a restrições semântico-conceptuais impostas pelas bases. A interpretação causativa dos verbos em análise só se verifica se a base lexical a admite ou pelo menos a não restringe. Portanto, o valor causativo dos afixos apenas é potencial, existindo em estado latente, e, por isso, a presença da morfologia verbal, por si só, não poderá ser tomada automaticamente como um garante de causativização.

Por último, alguns afixos distinguem-se ainda pelo facto de possuírem valorações socio-dialectais que influenciam a sua utilização num determinado contexto discursivo. Exemplo disso é a valoração ‘negativa’ ou ‘desprestigiante’ do prefixo *a(d)-* em formações não padronizadas como *alevantar*, *assentar-se*, *alimpar*, etc., o carácter ‘erudito’ do sufixo *-ificar*, pelo facto de se acoplar frequentemente à variante [+latina] das bases (*albificar*, *dulcificar*, *letificar*, *ignificar*, etc.) e da sua ocorrência no vocabulário de alguns domínios técnico-científicos, ou a valoração ‘prestigiante’ do sufixo *-izar*, associada à matriz anglófila de diversos verbos que

apresentam este operador sufixal na sua constituição (*automatizar, computadorizar, standardizar, informatizar, politizar, solarizar*).

3. Diversidade semântica dos produtos

A diversidade de significados evidenciada pelos verbos heterocategorialmente derivados não decorre apenas de factores estruturais, podendo advir de circunstâncias diversas:

- (i) modulações semânticas previstas e permitidas pela ELC instanciada pelo processo de formação de verbos em função do valor semântico dos afixos e das bases;
- (ii) processos de transferência ou extensão semântica (metáfora, metonímia);
- (iii) processos de lexicalização.

Em primeiro lugar, os produtos verbais são semanticamente diversificados porque o conteúdo semântico dos afixos é modelado e subdeterminado de maneiras diferentes em função do semantismo típico das bases com que se combinam. As bases, em função do seu significado típico, preenchem uma posição semântico-argumental na ELC associada ao afixo, promovendo a construção de verbos de diversas classes semânticas de verbos: *resultativos, ornativos, locativos, instrumentais, performativos e modais*. Este é, portanto, um caso de «polissemia construcional» (Copestake e Briscoe 1996: 18), uma vez que a diversidade semântica gerada deste modo não pode ser imputada totalmente aos afixos. Como notam os autores, «In constructional polysemy, the polysemy is more apparent than real, because lexically there is only one sense and it is the process of syntagmatic co-composition [...] which causes sense modulation.» (Copestake e Briscoe 1996: 18)

O valor semântico das bases também se torna saliente no caso dos verbos que admitem interpretações diversas. De facto, existem verbos como *agrafar, acorrentar*, etc. que permitem quer uma leitura ornativa ('pôr Nb em algo'), quer uma leitura instrumental ('afectar algo/algum com Nb'). Este facto está relacionado com o potencial semântico evidenciado pelas bases em causa (*agrafo* e *corrente*), as quais admitem ser interpretadas como 'objectos' ou como 'instrumentos'. Estes verbos possuem, em todo o caso, uma ELC subjacente comum, a qual, em virtude do significado da base efectivamente activado, permite a formação de constructos semânticos diferentes.

As propriedades semântico-aspectuais dos afixos são outro factor diferenciador. Embora os processos verbalizadores, afixais e não afixais, sejam concorrentes ou rivais em alguns domínios semânticos (cf. *aclarar/clarear/clarificar/esclarecer, monitorar/monitorizar, aparafusar/parafusar*, etc.), verifica-se que essa concorrência ou competição é apenas parcial e ocorre numa área mais pequena do que tradicionalmente se considera uma vez que os operadores afixais apresentam algumas diferenças entre si relativamente aos (i) tipos de bases lexicais que seleccionam, (ii) classes semânticas dos produtos que geram, e (iii) valores semântico-aspectuais ou socio-dialectais mais ou menos subtis que transmitem aos produtos verbais por eles formados.

A semântica dos produtos derivados pode ainda ser afectada por processos de transferência semântica. Processos como a metáfora e a metonímia permitem criar significados derivados a partir de um significado mais prototípico ou nuclear derivacionalmente construído (cf. 36).

- (36) a. *engraxar*: 'pôr graxa em algo' → 'bajular'
b. *florescer*: 'criar flor' → 'prosperar'
c. *bolorecer*: 'ganhar bolor' → 'envelhecer'
d. *laurear*: 'coroar de louros' → 'atribuir prémio'

- e. *nortear*: ‘encaminhar para Norte’ → ‘orientar’
 f. *crucificar*: ‘pregar na cruz’ → ‘condenar, torturar’

Pode ainda verificar-se uma outra situação: as palavras derivadas podem adquirir propriedades convencionais ou idiossincráticas que obscurecem a semântica derivacional da palavra construída. Vejamos alguns exemplos:

- (37) a. *bracear*: (náut.) ‘dar às vergas movimento horizontal em torno dos mastros, por meio de cabos que se chamam braços’
 b. *garfejar*: (reg.) ‘deitar muitos garfos ou muitos colmos (falando-se de um grão de semente)’
 c. *pasteurizar*: ‘esterilizar (o leite), aquecendo-o a 50 graus, e fazendo-o esfriar de repente’ (como fez Pasteur)

A lexicalização permite que um conjunto vasto de significados distintivos passem a existir em itens formados pelo mesmo processo de derivação (Lieber 2004: 10-11). Em muitos casos, estas propriedades decorrem da aplicação do significado previsível de uma palavra derivada a um domínio particular da experiência extralinguística, não podendo, por isso, ser previstos nem explicados linguisticamente (Corbin 1990: 46). Estes processos podem contribuir para o aparecimento de algumas distorções entre a interpretação semântica e a estrutura morfológica da palavra derivada, levando-nos a concluir que o significado observável/atestado não deve ser confundido com o significado derivacionalmente construído e previsível.

4. Considerações finais

A formação de verbos deadjectivais e denominais decorre da aplicação de um conjunto mecanismos léxico-gramaticais regulares tanto do ponto de vista do significante, como do ponto de vista do significado. Ao nível semântico, estes verbos derivados possuem estruturas léxico-conceptuais que revelam o modo como uma entidade se vê afectada na sua natureza, na sua localização ou no seu comportamento, adquirindo ou possuindo uma qualidade, propriedade ou um estado. Esta concepção não exclui a presença de outros valores, mas toma como específico destas formações o que parece ser o denominador comum de todas elas: a mudança de estado-de-coisas.

A construção do significado dos verbos heterocategorialmente derivados depende da conformação do(s) valor(es) semântico(s) dos processos/afixos derivacionais e das bases. Este processo pode ser resumido da seguinte forma:

- (i) os processos/afixos verbalizadores seleccionam, recortam e/ou determinam um conjunto de ELCs possíveis, contribuindo ainda para a expressão de alguns valores semânticos específicos, nomeadamente os relativos à direcionalidade/polaridade da mudança denotada, telicidade, iteratividade e/ou habitualidade, e causatividade.
- (ii) as bases lexicais, em função do seu valor semântico mais (proto)típico, determinam não só a activação de uma determinada ELC (entre as recortadas pelos afixos), mas também o fechamento ou preenchimento de uma das posições semântico-argumentais constantes das ELCs, dando assim origem a verbos de classes semânticas diversas.

A ELC nuclear, e a mais representativa, associada aos vários processos de verbalização heterocategorial (denominal e deadjectival) é composta semanticamente pelos seguintes elementos:

[[x AGIR] CAUSAR [y IR PARA z]]

Esta representação permite descrever eventos complexos em que um objecto ou entidade (y) é afectado(a) ou muda de algum modo (IR PARA z) em virtude da acção desencadeada por x, a entidade causadora/responsável pela mudança instanciada. Alternativamente, muitos verbos admitem construções incoativas ou decausativas que permitem expressar uma mudança de estado-de-coisas sem a subordinar semanticamente a uma causa. Nestas manifestações alternativas, os eventos denotados pelos verbos são concebido pelos falantes como “acontecimentos” não controlados externamente ou então como “internamente” causados.

Por fim, verificámos que a interpretação semântica de um verbo derivado particular, se não afectada por processos de transferência semântica (metáfora ou metonímia) ou de lexicalização, é depreendida a partir de três factores fundamentais: (i) os padrões léxico-semânticos permitidos ou possíveis no processo de verbalização heterocategorial, (ii) a semântica das bases e dos afixos eventualmente envolvidos, e (iii) informações co(n)textuais, i.e., as informações semântico-conceptuais fornecidas pelos argumentos subcategorizados pelo verbo e o conhecimento enciclopédico que os falantes possuem da realidade.

Bibliografia

- Aronoff**, Mark ((1980): Contextuals. *Language*, Vol. 56, number 4, 744–758.
(1984): Word formation and lexical semantics. *Quaderni di Semantica*, Vol. V, n° 1, 45–49.
- Arrais**, Telmo Correia (1985): As construções causativas em Português. *Alfa*, 29, 41–58.
- Beard**, Robert (1988): On the separation of derivation from Morphology: Toward a Lexeme-Morpheme-based Morphology. *Quaderni di Semantica* 9, 3–59.
(1995): *Lexeme/Morpheme-based Morphology*. New York: State University of New York Press.
(1998): Derivation. In Andrew Spencer e Arnold M. Zwicky (eds.), *The Handbook of Morphology*. Oxford, Malden: Blackwell Publishers, pp. 44–65.
- Booij**, Geert (2002): *Morphology of Dutch*. Oxford: Oxford University Press.
- Câmara Jr**, Joaquim Mattoso (1991): *Dicionário de Lingüística e Gramática. Referente à Língua Portuguesa*, 15ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Clark**, E. V. e H. H. Clark (1979): When nouns surface as verbs. *Language*, Vol. 56, n°4, 767–811.
- Coelho**, Carla Cristina Almeida (2003): *Formação de Verbos em –ar em Português*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra [em publicação].
- Copestake**, Ann e Ted **Briscoe** (1996): Semi-productive polysemy and sense extension. In J. Pustejovsky e B. Boguraev (eds.), *Lexical Semantics: The Problem of Polysemy*. Oxford: Clarendon Press, pp. 15–68.
- Corbin**, Danielle (1990): Associativité et stratification dans la représentation des mots construits. In W. U. Dressler et al. (eds.), *Contemporary Morphology*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, pp. 43-59.
(2004): Français (Indo-Européen: Roman). In G. Booij, Ch. Lehmann, J. Mugdan, S. Skopeteas (eds.), *Morphologie/Morphology: An International Handbook on Inflexion and Word-formation*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, Vol. 2, pp. 1285–1299.

- Dirven, René** (1988): A cognitive approach to conversion. In W. Hülsen e R. Schultze (eds.), *Understanding the Lexicon. Meaning, Sense and World Knowledge in Lexical Semantics*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 329–343.
- Fábregas, Antonio** (2002): Los verbos de realización gradual: estructura léxica. *Revista Española de Lingüística*, 32,2, 475–506.
- Farrell, Patrick** (1998): Comments on the paper by Lieber. In S. G. Lapointe, D. K. Brentari, P. M. Farrell (eds.), *Morphology and its relation to Phonology and Syntax*. Stanford: CSLI Publications, pp. 34–53.
- Fernández Lagunilla, M. & Miguel, E. de** (1999): Relaciones entre el léxico y la sintaxis: adverbios de foco y delimitadores aspectuales. *Verba* 26, 97–198.
- (2000): La interfaz léxico-sintaxis. El clítico culminativo. In E. de Miguel, M. Fernández Lagunilla e F. Cartoni (eds.), *Sobre el Lenguaje: miradas plurales y singulares*. Madrid: Arrecife/UAM, pp. 141–159.
- Fonseca, Joaquim** (1998-1999): Aspectos centrais da semântica-sintaxe e pragmática dos predicados de sentimento. *Diacrítica*, nº 13-14, 237–278.
- Gràcia Solé, Lluïsa et al.** (2000): *Configuración Morfológica y Estructura Argumental: Léxico y Diccionario. Resultados del proyecto de investigación DGICYT, PB93-0546-C04*. Zarautz (Gipuzcoa): Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco.
- Haouet, Lamia** (2000): *En Torno a la Relación entre Morfología y Sintaxis: la Formación de los Parasintéticos en Español*. Tesis doctoral. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid.
- Hernández Paricio, Francisco** (1992): Semántica conceptual, representación léxica y articulación sintáctica de predicados causativos. In C. Martín Vide (ed.), *Lenguajes Naturales y Lenguajes Formales (= Actas del VIII Congreso de Lenguajes Naturales y Lenguajes Formales)*. Barcelona: PPU, pp. 389–396.
- Kiparsky, Paul** (1997): Remarks on denominal verbs. In A. Alsina et al. (ed.), *Complex Predicates*. Stanford: CSLI Publications, pp. 473–499.
- Labelle, Marie** (1992): La structure argumentale des verbes locatifs a base nominale. *Linguisticae Investigationes XVI*: 2, 267–315.
- Levin, Beth e Malka Rappaport Hovav** (1998): Morphology and lexical semantics. In A. Spencer e A. M. Zwicky (eds.), *The Handbook of Morphology*. Oxford, Malden: Blackwell Publishers, pp. 248–271.
- Lieber, Rochelle** (1998): The suffix *-ize* in English: implications for Morphology. In S. G. Lapointe, D. K. Brentari, P. M. Farrell (eds.), *Morphology and its Relation to Phonology and Syntax*. Stanford: CSLI Publications, pp. 12–33.
- (2004): *Morphology and Lexical Semantics*. Cambridge/UK: Cambridge University Press.
- Lieber, Rochelle e Harald Baayen** (1993): Verbal prefixes in Dutch: A study in Lexical Conceptual Structure. In G. Booij & J. van Marle (eds.), *Yearbook of Morphology 1993*. Dordrecht: Kluwer, pp. 51–78.
- Meyer-Lübke, Wilhelm** (1895): *Grammaire des Langues Romanes*. Traduction par Auguste Doutrepoint et Georges Doutrepoint. Tome II: *Morphologie*. Paris: H. Welter Éditeur.
- Naumann, Bern** (2000): Derivation. In G. Booij, Ch. Lehmann, J. Mugdan (ed.), *Morphologie/ Morphology: An International Handbook on Inflexion and Word-formation*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, Vol. I, pp. 929–943.
- Pena, Jesús** (1993): La formación de verbos en español: la sufijación verbal. In S. Varela (ed.), *La Formación de Palabras*. Madrid: Taurus Ediciones, pp. 217–281.
- Pereira, Rui Abel Rodrigues** (2000): *Formação de Verbos em Português: a Prefixação com a(d)-, en- e es-*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- (2002 a): Propriedades dos prefixos *a(d)-, en- e es-* em português. *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 367–376.

- (2002 b): Verbos prefixados com a(d)-, en- e es- em Português: estrutura interna e externa. *Máthesis* 11, 77–94.
- (2004): Condições estruturais de formação de verbos em português. In G. Rio-Torto (Org.), *Verbos e Nomes em Português*. Coimbra: Livraria Almedina, pp. 91–127.
- (2007): *Formação de Verbos em Português: Afixação heterocategorial*. LINCOM EUROPA: Studies in Romance Linguistics 56.
- Plag, Ingo** (1999): *Morphological Productivity. Structural Constraints in English Derivation*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- Rappaport, Malka; Beth Levin; Mary Laughren** (1988): Niveaux de représentation lexicale. *Lexique* 7, 13-32.
- Rio-Torto** (2004): Morfologia, sintaxe e semântica dos verbos heterocategoriais. In Graça Rio-Torto (org.), *Verbos e Nomes em Português*. Coimbra: Livraria Almedina, pp. 17–89.
- Serrano Dolader, David** (1999): La derivación verbal y la parasíntesis. In I. Bosque & V. Demonte (dir.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe, Vol. 3, cap. 72, pp. 4683-4755.
- Silva, Augusto Soares** (2002): Causação, permissão e negação: um modelo cognitivo de causação. In M. H. Mira Mateus & Clara Nunes Correia (orgs.), *Saberes no Tempo: Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*. Lisboa: Colibri, pp. 485–503.
- (2003): Da semântica da construção à semântica do verbo e vice-versa. In Ivo de Castro e Inês Duarte (orgs.), *Razões e Emoção*. Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, Vol. II., pp. 383–402.
- Talmy, Leonard** (1985): Lexicalization patterns: semantic structure in lexical forms. In T. Shopen (ed.), *Language Typology and Syntactic Description*. Vol. III.: *Grammatical Categories and the Lexicon*. Cambridge, London, New York, New Rochelle, Melbourne, Sydney: Cambridge University Press, pp. 57–149.
- Zubizarreta, Maria Luisa** (1987): *Levels of Representation in the Lexicon and in Syntax*. Dordrecht: Foris.
- Zwanenburg, Wiecher** (2000): Correspondence between formal and semantic relations. In G. Booij, Ch. Lehmann, J. Mugdan (ed.), *Morphologie/Morphology: An International Handbook on Inflexion and Word-formation*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, Vol. I, pp. 840–850.